

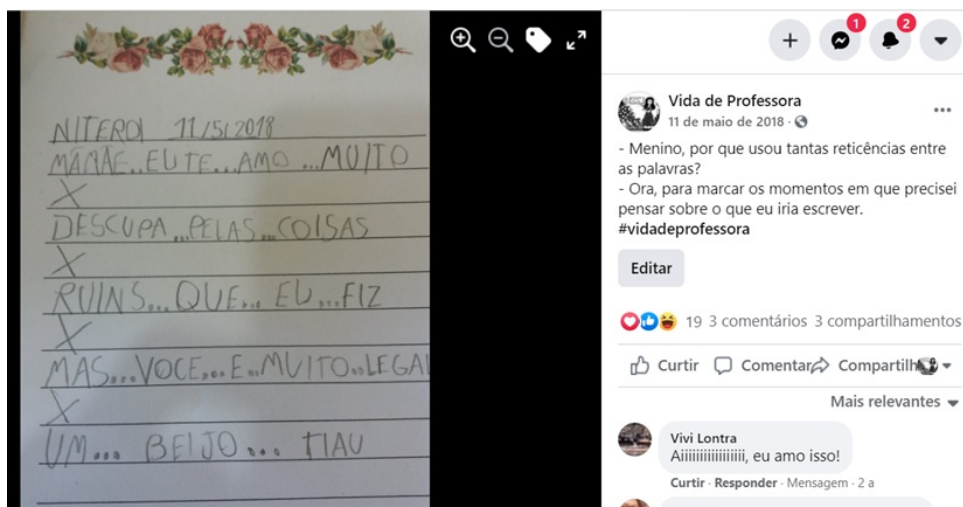
O trabalho parte do entendimento dos mundos e das escolas em sua complexidade (MORIN, 1995), buscando compreendê-lo a partir dos estudos de Michel de Certeau (2008/2012). De modo central, a noção do sujeito ordinário como um ser ativo, que atua lance a lance, com astúcia e com as de redes de saberes que possui e que consegue articular, colocando-se no campo de jogo do adversário. Neste contexto, as heterobiografias *verbovisuais* são entendidas como parte do lance certeuriano, quando articula em forma de narrativa literaturizada, as camadas de vozes em circulação nas escolas. Para compreender essas vozes e o que elas trazem, através das narrativas criadas, a pesquisa necessitou estar atenta aos saberes e currículos que se expressam na oralidade. Por isto, a voz do povo, das professoras, dos estudantes, dos praticantes das escolas, têm centralidade neste trabalho, tendo em vista que as heterobiografias *verbovisuais* têm sua origem nas produções orais que pululam nas escolas. Nelas, a compreensão do uso da pluralidade, do simbolismo e a inexistência da voz “pura”.

Neste sentido é que as heterobiografias verbovisuais podem ser entendidas como dispositivos de divulgação dos desvios, êxtases, criações, lampejos, revoltas, fugas, dores dos *praticantespensantes* das escolas, que estariam inviabilizadas pela instrumentalidade escriturística oficial. Ao dar a ver as práticas discursiva, as redes de conversações e ações complexas que ocorrem nos cotidianos escolares, se estaria acessando o que os praticantes efetivamente *aprendemensinam* (OLIVEIRA, 2012) nos currículos vividos. Ao desinviabilizar esses currículos vividos em heterobiografias e publicando-as em uma rede social, busca-se dar a ver (LARROSA,2019) como enunciações de *saberesfazeressentires* em circulação nas escolas. Neste jogo paradoxal, entre o que se deixa ver e o que permanece escondido, cuida-se da escolha das palavras que são direcionadas à escola e a seus praticantes, que é a forma considerada por Larrosa (2019, p. 27) mais apropriada em tornar algo presente pela linguagem. Como um modo de fazer uso da escrita para inscrever os praticantes da escola no mundo, servindo do mesmo mecanismo que nos apaga das leis e dos documentos de currículo nacional. É a ocupação do território inimigo com as armas que usam contra nós. Para Certeau (2008), o texto impresso remete a tudo aquilo que se imprime sobre o nosso corpo, para fazer dele um símbolo, da lei do outro.

Nesta direção, Oliveira e Geraldi (2010) vão apontar que as narrativas e os conhecimentos inserem pluralidades na medida que expressam as diferentes contribuições dos sujeitos, que se articulam em torno das ideias, instaurando uma ficção e não uma reprodução de uma realidade supostamente externa. Citando Vygotsky, os autores reiteram a diferença entre o sentido e o significado com relação à compreensão e ao uso da língua, diferenciando aquele que é geral, compartilhado coletivamente pelos falantes de uma língua, e o sentido pessoal que cada falante atribui e cria individualmente. Assim, ressaltam todo o dinamismo da negociação de sentidos que se instala nas relações dos sujeitos com o mundo e com os estímulos que faz e traz, resultando em modos próprios de ver, ler e ouvir o mundo, em permanente movimento. E com Certeau (2008), defendem a necessidade de recuperação da validade dos processos de narração do mundo, para o apagamento das fronteiras fixas entre as

escritas científicas, pretensamente neutras, e as literárias, em que os afetos circulam com protagonismo.

As noções até aqui entretecidas vão compreender como as heterobiografias *verbovisuais* permitir acessar compreensões mais alargadas das experiências, onde está contido indícios dos processos *políticosociais* de onde emergem os possíveis dos currículos e os currículos *pensadospraticados* nos cotidianos escolares. Para essa escriturística produza efeitos de sentido no leitor, percebe-se que há necessidade do aquecimento da razão (SANTOS, 2019), sem perder a razoabilidade, na compreensão da riqueza de experiências existentes do mundo que são produzidas pelos sentidos e sentires. Certeau nomeia de “artes de fazer” (2008) – usos e táticas com as quais o praticante se desvia de regras externas e cria a partir daquilo que lhe é imposto – voltadas para a percepção de que operamos no mundo em contexto de caos, de modo multiforme e fragmentário. Neste contexto multiforme, vai deixando perceber o quanto as heterobiografias verbovisuais são históricas e com marcas dos sistemas econômicos, sociais, políticos, ideológicos. Por isso, são consideradas importantes neste trabalho ao possibilitar estabelecer relações entre o instituído e os acontecimentos, porque nelas podem ser captados vestígios do que ainda não foi percebido. Certeau (2012) ressalta o caráter polifônico do texto narrativo, que possibilita muitas leituras. Neste sentido é que essa modalidade textual pode ser usada no enfrentamento da ideia de uma ciência divorciada do mundo, da ficção e dos afetos. As narrativas teriam, assim, potencial para costurar as rupturas impostas entre o individual e o social, o normal e o patológico e, por fim, entre a realidade e o ficcional. Com Certeau (2012), o artigo considera que encontramos com o outro por meio de nossa imaginação e desse encontro, reconstruímos um mundo a partir dos *conhecimentossignificações* formando redes de sentidos próprios dessa junção. Desse modo, nunca conheceremos o mundo de fato, como um real absoluto, porque nos fios das redes de sentido haverá ficção, e não uma única verdade. A aproximação é da ação realizada pelos catadores de lixo, quanto reviram os restos, abandonados pela sociedade. Entretanto, a busca é, de com esses restos, consiga entender o todo.



Palavras Chaves: Estudos dos cotidianos. Narrativas. Currículo

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano 1: As artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

_____. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. *Esperando não se sabe o quê*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018

OLIVEIRA, I.; B. GERALDI J.W. Narrativas outros conhecimentos, outras formas de expressão. In: OLIVEIRA, I. *Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão*. Rio de Janeiro: DP&A, 2010. p. 13-28.

_____. *O Currículo como criação cotidiana*. Petrópolis: DP et Alli, 2012.

SANTOS, B. S. *O fim do império cognitivo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019